



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

O Estado-Nacional na Historiografia: uma reflexão sobre a nação como unidade de análise central na História e os desafios contemporâneos

Aline Duarte da Graça Rizzo ¹

Resumo: O nacionalismo é um dos temas mais presentes na historiografia moderna. Não só o processo histórico de formação dos Estados Nacionais Modernos se tornou uma temática constante, mas também a Nação galga o papel de um dos definidores centrais dos recortes espaciais e temporais nas principais produções historiográficas. o objetivo deste trabalho é refletir sobre os principais debates em torno do Nacionalismo; indicar os desafios contemporâneos e seus impactos na centralidade do Estado na disciplina da História, incluindo os debates sobre História Comparada e História Global; e, por fim, apresentar uma breve reflexão sobre as mais recentes ondas nacionalistas. Além da introdução e conclusão, este artigo se divide em quatro seções: A Nação como unidade de análise central na História; A Grande Guerra: a crise da Nação e o surgimento da História Comparada; Globalização e a História Global; a História Global e o Nacionalismo.

Palavras-Chave: Estado-Nacional Nacionalismo; História Comparada; História Global

The National State in historiography: a reflection on the Nation as a central unit of analysis in History and the Contemporary Challenges

Abstract: Nationalism is one of the most prevalent subjects in modern historiography. Not only has the Modern National States creation process become a constant theme, but the Nation also has the core of spatial and temporal definitions in the main historiographic productions. This paper aims to reflect on the main debates around Nationalism; to indicate contemporary challenges and their impacts on the State centrality in the History field, including the debates on Comparative History and Global History; and, finally, to present a brief reflection on the most recent nationalist waves. In addition to the introduction and conclusion, this paper is divided into four sections: The Nations as a core analysis unit in History; The Great War: the crisis of the Nation and Comparative History; Globalization and Global History; Global History and Nationalism.

Keywords: National State; Nationalism; Comparative History; Global History.

Introdução

O nacionalismo é um dos temas mais presentes na historiografia moderna. Não só o processo histórico de formação dos Estados Nacionais Modernos se tornou uma temática constante, mas também a Nação galga o papel de um dos definidores centrais dos recortes espaciais e temporais nas principais produções historiográficas.

Isso quer dizer que não somente o fenômeno do nacionalismo enquanto objeto é muito presente, mas também ao se estudar a economia, religião, cultura ou qualquer outro tema, tradicionalmente eles são delimitados por um espaço-tempo cujo marco é o Estado-Nacional.

RIZZO, A.D.G.

Contudo, processos históricos tais como as Guerras Mundiais e fenômeno da Globalização impuseram questionamentos à figura do Estado.

Portanto, o objetivo deste trabalho é refletir sobre os principais debates em torno do Nacionalismo; indicar os desafios contemporâneos e seus impactos na centralidade do Estado na disciplina da História, incluindo os debates sobre História Comparada e História Global e Nacionalismo; e, por fim, apresentar uma breve reflexão sobre as mais recentes ondas nacionalistas e questionamentos delas recorrentes. Além da introdução e conclusão, este artigo se divide em quatro seções: A Nação como unidade de análise central na História; A Grande Guerra: a crise da Nação e a História Comparada; Globalização e a História Global; a História Global e o Nacionalismo.

A Nação como unidade de análise central na História

A centralidade da Nação no campo da História é refletida nos esforços de teorizar o nacionalismo a partir dessa perspectiva disciplinar. Embora esses esforços ainda sejam limitados^{II}, trabalhos que caminham nessa direção são referência no debate. Dentre eles, destaca-se a obra de Eric Hobsbawm (2004) intitulada “Nações e Nacionalismos desde 1870” onde o autor segue a perspectiva em que o Estado-Nacional é um produto da modernidade e, nesse sentido, objetiva elaborar um conceito geral de Nação, mas sem esvaziá-lo de sua historicidade:

É essa abordagem deste livro. Uma abordagem que concede atenção particular às mudanças e às transformações do conceito, especialmente em relação ao fim do século XIX. Conceitos, certamente, não são parte de discursos filosóficos flutuantes, mas são histórica, social e localmente enraizados, e portanto, devem ser explicados em termos destas realidades^{III}.

É possível que esse seja o principal aspecto que caracteriza a especificidade da teorização do Nacionalismo a partir da História: o enfoque na historicidade tanto do processo quanto do próprio conceito. Na mesma direção, o trabalho de Benedict Anderson (2015), objetiva apresentar uma narrativa histórica ao propor um quadro de análise da Nação. Porém, se afasta de Hobsbawm pois, embora compreenda a nação como um produto do século XVIII, enfatiza que o seu surgimento é fruto de um o processo de longo prazo, apresentando suas raízes anteriores à modernidade.

Nesse ponto específico, sobre a “origem” da Nação, é possível encontrar divergências também em outros campos disciplinares, como na Sociologia, Filosofia e na Ciência Política^{IV} onde é possível observar esforços no sentido de localizar temporalmente a Nação. No entanto, cabe destacar que no campo da História as teorizações tendem menos a grandes generalizações e esquemas analíticos, pois ao enfatizarem a historicidade da Nação, apontam para suas exceções e desvios a partir de ampla utilização de casos empíricos, em detrimento de generalizações mais normativas, ou hipotéticas.

Pôr luz sobre a historicidade da Nação, sobre o processo e o conceito em si, evidencia o quanto o próprio contexto político em que se insere a produção acadêmica sobre o tema influi sobre tais reflexões. Lloyd Kramer (1997) traça um perfil das narrativas históricas acerca do nacionalismo e destaca a importância e impacto das transformações políticas sobre tais produções:

This connection between the texts of nationalist scholarship and the modern contexts of politics and culture suggests why historical narratives of nationalism have become part of history of nationalism itself. Nationalism’s scholarly interpreters cannot easily separate themselves from the objects of their analysis (...)^V.

RIZZO, A.D.G.

Desse modo, é possível destacar dois eventos fundamentais na história contemporânea que tiveram impactos importantes sobre a centralidade do Estado-Nacional enquanto unidade de análise no campo da História, a saber: a I Guerra Mundial e a Globalização. Nas seções seguintes serão abordados tais impactos na historiografia.

A Grande Guerra: a crise da Nação e a História Comparada.

O nacionalismo notoriamente intensificado no contexto político do século XIX e que culminou na I Guerra Mundial foi o pano de fundo para um movimento de crítica ao papel central do Estado-Nacional na História, o que resultou em propostas com viés comparativista, como o da História Comparada^{VI}.

O furor do Imperialismo e a catástrofe da Guerra fizeram com que o nacionalismo exacerbado das décadas anteriores, muito reforçado pela historiografia europeia, fosse questionado. Os riscos das paixões nacionalistas se confirmaram na II Guerra Mundial. Desse modo, o período entre-guerras fomentou uma produção historiográfica mais crítica ao nacionalismo baseada em métodos que colocassem em perspectiva outras experiências históricas para além das fronteiras nacionais, como é o caso da comparação.

Em 1928, Marc Bloch publicou o artigo “Por História Comparada das Sociedades Europeias” sendo um marco desse contexto de crítica à historiografia tradicional, que segundo José D’Assunção Barros (2014), teve papel fundamental enquanto suporte institucional aos Estados-Nacionais europeus:

Respirava-se então, em uma parte pelo menos significativa da intelectualidade europeia, certo ar de desânimo em relação aos caminhos que tinham sido trilhados através daquele exacerbado culto ao nacionalismo que caracterizara a estruturação dos estados-nação nos séculos anteriores. Mais ainda, de modo geral os historiadores tinham desempenhado um papel bastante relevante na organização institucional dos estados-nação, na estruturação de seus arquivos para o registro da memória nacional, na construção de narrativas laudatórias que exaltavam cada nação em particular, e que por vezes chegavam mesmo a conclamar a guerra.^{VII}

Nesse contexto então se consolida o comparativismo não meramente como um método, mas como um campo de trabalho institucionalizado na academia. A História Comparada, então, surge com a promessa de “ (...) *algum modo abrir-se para o diálogo, romper o isolamento, contrapor um elemento de “humanidade” ao mero orgulho nacional, e por fim, questionar a intolerância recíproca entre os homens* ”^{VIII}. Isso se daria pela própria natureza da comparação que, em pôr em perspectiva experiências históricas distintas, consequentemente questionaria o exclusivismo e excepcionalidade fortemente exaltados nas narrativas históricas nacionais.

Cabe, no entanto, ressaltar que tal ambiente crítico ao nacionalismo no campo da História não eliminou o tema de seu espectro, mas sinalizou sua forte relação com os contextos políticos de produção historiográfica. Um segundo momento importante em que o nacionalismo foi questionado é o subsequente à Guerra Fria onde os efeitos da Globalização e dos fenômenos transnacionais passam a ser destaque na academia.

Globalização e a História Global

RIZZO, A.D.G.

O crescente processo de globalização, por sua vez, trouxe grandes desafios teórico-metodológicos às ciências sociais, incluindo o campo da História. A multiplicidade de atores bem como a tendência à multipolaridade em franco crescimento, diante dos eventos que marcam a virada do século XX para o século XXI, apontam para a necessidade de ampliação do objeto de estudo da disciplina tradicionalmente focado no Estado-Nacional enquanto unidade de análise.

Eventos como o processo de descolonização da África e o fim da Guerra Fria foram o contexto para a reivindicação de maior agência no cenário internacional por parte de atores outrora limitados pelo ambiente polarizado. Em decorrência de tal questionamento, diversos recursos teórico-metodológicos surgiram na tentativa de explicar o mundo contemporâneo cada vez mais multipolarizado, dentre eles História Cruzada, História Transnacional, História Conectada.

A então denominada História Global também surge nesse contexto. Além do questionamento do Estado-Nacional enquanto unidade de análise central, já antecipado com a História Comparada, soma-se a forte crítica ao etnocentrismo presente na historiografia tradicional e proposta de novos usos na narrativa e escrita da História.

Embora muito recente e, portanto, sem delimitações precisas e fortemente imersa em disputas por espaço na academia, é possível identificar os principais pontos de convergência nas definições de História Global que são justamente a crítica ao estado-centrismo e ao eurocentrismo^{IX}. Nesse sentido, a História Global representaria um “*spatial turn*”, segundo Schulz-Forberg (2013) se afastando do comparativismo baseado no nacionalismo metodológico e conseqüentemente apresentando uma História para além da narrativa europeia, uma História em “*partes iguais*”^X. Nesse campo destaca-se a grande influência de autores que propõem uma historiografia mais globalizada incluindo novas narrativas, olhares e atores que sempre estiveram à margem da historiografia tradicional, como é o caso do autor indiano Sanjay Subrahmanyam (1997), um dos percursos da “História Conectada” que busca conectar fontes e narrativas históricas para além do eixo europeu.

Defensores da História Global apontam que esta pretende superar os Estudos Subalternos, no sentido de ir além de simplesmente reproduzir as epistemologias europeias em uma perspectiva periférica, ao contrário, propõe ser um caminho para difusão de epistemologias do Sul. A História Global, ao deslocar o papel central do Estado-Nação e ao criticar fortemente o etnocentrismo está relacionada às mais recentes reflexões do Nacionalismo que buscam uma perspectiva mais diversa e multicultural. No entanto, não produziu ainda um arcabouço teórico-epistemológico próprio.

A História Global e o Nacionalismo

As mais diferentes vertentes da História Global convergem nas críticas ao estadocentrismo e ao anglo/eurocentrismo fortemente presentes nas tradições historiográficas. Ao se opor ao nacionalismo metodológico, propõe uma abordagem que inclui fluxos, relações, conexões e múltiplos atores como objeto de análise em suas dinâmicas entre o local e o global. Contudo, Sebastian Conrad (2016) afirma que o deslocamento do Estado de seu lugar central não o exclui de seu papel como ator importante, a História Global não pretende substituí-lo por um ente abstrato, mas compreendê-lo a partir das relações mais dinâmicas e complexas entre diversos atores, sobretudo - mas não exclusivamente - as estabelecidas no contexto da história contemporânea no pós Guerra Fria, marcado pelo aprofundamento dos processos de globalização. História Global traz ainda como ferramenta a possibilidade de pensar de forma relacional os níveis do *local* e do *global*, ao que Sebastian Conrad e Eckart^{XI} denominam de

RIZZO, A.D.G.

glocalização:

Os movimentos de globalização são formas de glocalização. Traduções e adaptações locais de estruturas, instituições ou ideias globais (adaptado ao contexto das línguas locais e das relações institucionais) juntamente com um redesenho de conexões de longa data entre os mundos está entre os mais férteis aspectos do que a análise da história global tem a oferecer.^{XII}

Na ausência de um arcabouço teórico próprio, seria profícuo o aprofundamento do debate da História Global com trabalhos que estão pensando a Nação a partir de uma perspectiva não eurocêntrica como é o caso dos autores indianos Partha Chatterjee e Homi Bhabha. Chatterjee (2004) faz importantes reflexões sobre a ideia de modernidade que está intimamente ligada ao Estado-Nação. Para o autor, não é possível estar alheio à modernidade, mas enfatiza que a modernidade não é única, ela se apresenta de várias formas. Na experiência pela qual a Índia passou, seu modo de modernidade tem uma percepção de tempo diferente e o nacionalismo indiano foi, portanto, uma tentativa de firmar a sua própria forma de modernidade. Aqui há uma crítica à proposta de Anderson (2015) em que a Nação seria um modelo passível de replicação, para Chatterjee, ao contrário, o nacionalismo não é um projeto que se repete.

Bhabha (2005), por sua vez, tem uma análise onde o pós-estruturalismo se apresenta de forma mais forte e propõe compreender o Nacionalismo enquanto narrativa onde se articulam a linguagem performática e a linguagem pedagógica. Nesse caso, nem sempre a nação e seus signos são encontrados na concretude, portanto, a representação da nação nunca vai se adequar perfeitamente à realidade. Essas duas abordagens trazem fortemente o teor da crítica ao eurocentrismo presente nas análises tradicionais do Nacionalismo.

Quanto à centralidade da Nação enquanto unidade de análise, surge o questionamento: Como analisar um mundo cada vez mais multifacetado, interconectado e com as fronteiras nacionais cada vez mais flexíveis?

Para além dos esforços de estudo de casos de fenômenos transnacionais já observados nos recentes trabalhos sob perspectiva da História Global, dialogar com as teorias em outros campos disciplinares que articulam Nação e Multiculturalismo seria de grande valia. Nesse campo, os trabalhos de David Miller (1993), Charles Taylor (2000) e Will Kymlicka (1995), pensam o Nacionalismo a partir das mais recentes demandas de grupos sociais que buscam por vezes autonomia em relação ao Estado-Nação, por vezes reconhecimento de suas diferenças. Os autores objetivam contemplar os desafios contemporâneos, como por exemplo os fluxos migratórios, que se contrapõem à ideia de uniformidade e homogeneidade das concepções tradicionais de nacionalismo. Essas análises apontam para a necessidade de não excluir o Estado, mas de pensa-lo em uma perspectiva mais global e também interdisciplinar compreendendo que os fenômenos contemporâneos entremeiam diversos atores e objetos em dinâmicas relacionais nas quais o Estado é participante, porém, não ator exclusivo.

Conclusão

É possível observar que em diversos momentos da História onde o nacionalismo é exacerbado ou enfraquecido há um impacto substantivo na produção historiográfica, não apenas nas temáticas contemporâneas, que obviamente acompanham tal fenômeno, mas também em temáticas diversas em que o Estado-Nacional enquanto unidade de análise central passa a ser questionado.

RIZZO, A.D.G.

Tais questionamentos são tão profundos que pelo menos em dois momentos impulsionaram novos ramos disciplinares dentro do campo da História. Obviamente esses movimentos não excluem o tema do Nacionalismo, mas sim questionam sua centralidade na disciplina.

Cabe também ressaltar que os mais atuais fenômenos de “retorno” aos discursos nacionalistas, sobretudo nos EUA, Brasil e Europa e impulsionado em grande medida pela atual crise migratória, caracterizado por políticas isolacionistas e fortes críticas ao multilateralismo, já estão fomentando discussões no campo da História que questionam a sobrevivência da História Global. O professor Jeremy Adelman publicou no início do ano de 2017 o artigo “*O que é a História Global agora?*”, onde questiona se a História Global ainda é relevante no atual contexto histórico, ou se já passou o seu momento.

Esses impasses confirmam as impressões de Kramer (1997) em que as narrativas históricas do nacionalismo são fortemente influenciadas pelo contexto político e cultural em que se inserem seus processos produtivos. Portanto, a centralidade do Estado-Nacional enquanto unidade de análise da História é historicamente oscilante, móvel e constantemente questionada, reafirmada ou ressignificada.

Notas:

^I Doutora em História Comparada pela UFRJ. Bolsista-doutora IPEA

^{II} Anderson, 2015

^{III} Hobsbawm, 2005, p. 18

^{IV} Gellner, 1993; Smith, 2009

^V [Tradução Nossa] Essa conexão entre os textos de acadêmicos nacionalistas e os contextos políticos e culturais modernos sugerem porque as narrativas históricas do nacionalismo tem se transformado em parte da história do próprio nacionalismo. Intérpretes acadêmicos do Nacionalismo não podem facilmente se separar dos objetos de suas análises. (Kramer, 1997, p. 525)

^{VI} Theml e Bustamante, 2007

^{VII} Barros, 2014, p. 7

^{VIII} Barros, 2014, p.8

^{IX} Schulz-Forberg, 2013; Conrad, 2016; Gruzinski 2016; Boucheron e Delalande, 2015;

^X Bertrand *apud* Boucheron e Delalande, 2015

^{XI} *apud* GONDAR e RIZZO. 2019

^{XII} CONRAD e ECKART 2007 *apud* GONDAR e RIZZO 2019, p. 248

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Cia. das Letras. São Paulo, 2015.

BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2005.

BOUCHERON, Patrick e DELALANDE, Nicolas (org.). *Por uma História-Mundo*. Coleção História e Historiografia. Autêntica. SP. 2015.

CHATTERJEE, Partha. *Colonialismo, Modernidade e Política*. EDUFBA: Salvador. 2004.

CONRAD, Sebastian. *What is Global History*. Princeton University Press. 2016.

GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismo*. Gradiva. Lisboa, 1993.

RIZZO, A.D.G.

GONDAR, Anelise e RIZZO, Aline. Global History and International Relations: Possible Disciplinary Encounters and an Initial Review of Contributions from Latin American Research. *Carta Internacional* V. 14, Nº 3, 2019.

GRUZINSKI, Serge. *How To Be a Global Historian?* Public Books. Setembro, 2016.

HAGEN, Shulz-Forber. The Spatial and Temporal Layers of Global History: A reflection on Global Conceptual History through Expanding Reinhart Koselleck's Zeitschichten into Global Spaces. *Historical Social Research*, vol 38, no. 3, pp. 40-58.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1870*. Paz e Terra: São Paulo, 2004.

KRAMER, Lloyd. *Historical Narratives and the Meaning of Nationalism*. *Journal of the History of Ideas*.

MILLER, David. "In Defence of Nationality" In. *Journal of Applied Philosophy* 10, n. 1, 1993.

SMITH, Anthony. *Ethno-symbolism and Nationalism: a cultural approach*. Routledge. New York. 2009.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. "Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of East & Modern Eurasia". IN: *Modern Asian Studies* 31, 3 (1997), pp. 735-762.

TAYLOR, Charles. *Argumentos Filosóficos*. Edições Loyola. São Paulo. 2000.